

AS FORMAS DE TRATAMENTO EM FILMES PORTUGUESES

Paula Silva(*)

Paulinhah_5@hotmail.com

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

RESUMO. No âmbito da Licenciatura em Ciências da Linguagem (Variante de Linguística), na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi indicado aos discentes a elaboração de um projeto individual, cujo tema pertenceria, naturalmente, a uma área da Linguística. Neste contexto, o conteúdo deste dossier resulta de uma pesquisa pessoal no âmbito da Pragmática, tendo como objeto de estudo as formas de tratamento do Português Europeu. Para tal, foi feita uma análise exaustiva de um corpus de filmes portugueses, com o auxílio de vários gráficos.

O que se propôs foi procurar saber, por um lado, se as formas de tratamento utilizadas nos vários filmes analisados são representativas da realidade linguística portuguesa e, por outro lado, compreender se as formas de tratamento são indispensáveis à comunicação. No entanto, por uma questão de espaço, grande parte do trabalho original está omissa neste artigo, pelo que o segundo objetivo não se encontra aqui exposto.

PALAVRAS-CHAVE. Pragmática; Formas de Tratamento do Português Europeu; Corpus de Filmes Portugueses.

ABSTRACT. In the context of the graduation in Linguistics, in Faculdade de Letras da Universidade do Porto, it was asked to the students to do an individual project which theme belonged to an area of Linguistics. The content of this paper is the result of a personal research in the area of Pragmatics, which study object is the forms of treatment in European Portuguese. So, it was made an exhaustive analysis about Portuguese films, with the help of some graphics.

In one hand, I wanted to understand if the forms of treatment used on the films are representative of Portuguese reality and, on the other hand, I wanted to know if the forms of treatment are essential to the communication. However, since this work is smaller, a big part of the original work is missing on this paper, so my second goal isn't present here.

KEY-WORDS. Pragmatics; Forms of Treatment in European Portuguese; Portuguese Films.

* Ex-estudante do Curso de Licenciatura em Ciências da Linguagem/Linguística (FLUP).

1 - *Descrição metodológica*

- Introdução à cortesia linguística.

- Descrição das formas de tratamento do Português Europeu.

- Análise das formas de tratamento em comum num corpus de 8 filmes atuais: *A Bela e o Paparazzo* (2010), *Contrato* (2009), *Aquele Querido Mês de Agosto* (2008), *Um Amor de Perdição* (2008), *Corrupção* (2007), *O Crime do Padre Amaro* (2005), *Zona J* (1998) e *Crónica dos Bons Malandros* (1984). Esforcei-me por escolher filmes que se desenrolam em ambientes sociais heterogéneos, de modo a obter uma amostra o mais representativa possível quantitativa e qualitativamente.

É necessário muito rigor na escolha de um corpus, pois é através dessa amostra que vamos retirar conclusões que se apliquem a todo o conjunto. Tendo isto em conta, a amostra em questão pode não parecer fiável, pois estamos a falar de um corpus de ficção. No entanto, tal como refere Lazard (2008: 286), o autor dos diálogos tenta recriar um discurso idêntico à realidade da língua falada. Por outro lado, esta amostra pode sim trazer desvantagens no que toca à autenticidade, mas também possui vantagens relativamente à linguagem falada: um corpus de filmes pode ser revisto as vezes que forem necessárias, enquanto um discurso oral espontâneo não nos dá essa possibilidade (ver Cadiot *et al.* 1979: 100-101). Assim, o discurso cinematográfico será tomado, neste trabalho, como um exemplar da linguagem comum.

- Confronto com filmes cuja ação se desenrola em ambientes mais antigos: *Vale Abraão* (1993) e *O Quinto Império* (2004).

- Comparação dos 10 filmes, tendo em conta os aspetos em comum.

- Conclusões das diferenças e das semelhanças entre as várias épocas.

2 - *Cortesia*

- Dicionário da Língua Portuguesa: “A. qualidade do que é cortês; boa educação; polidez [...]” (Costa & Melo 1999: 437).

- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: “1. atributo, característica do que se apresenta de modo cortês 2. civilidade, educação no trato com outrem; amabilidade, polidez [...] 3. gesto, dito delicado, educado [...]” (Houaiss & Mouro de Salles 2003: 1103).

Tal como refere Haverkate (1994: 11), desde muito cedo, os pais tentam transmitir aos filhos as normas de cortesia impostas pela sociedade. De facto, são estas normas que determinam as relações que as pessoas pertencentes a uma mesma comunidade mantêm entre si. São elas que permitem que os intervenientes destas relações se comprometam a evitar conflitos aquando de

uma conversação, o que leva Navarro (2006: 958) a definir a cortesia como uma “estratégia conversacional”.

2.1 - *Cortesia linguística*

Haverkate (1994: 53) distingue dois tipos de cortesia: cortesia linguística (manifesta-se através da linguagem) e cortesia não linguística (não se manifesta através da linguagem)¹.

Neste contexto, Haverkate (1994: 79) avalia a descortesia como a violação de um conjunto de estratégias que os interlocutores devem respeitar e que fazem parte de um “contrato conversacional”, como sejam: atenuação (uso do Condicional e do Pretérito Imperfeito), atos de fala indiretos, pré-sequências de exortações, impersonalização, formas de tratamento, saudações, apresentações, agradecimentos, felicitações, pedidos de desculpa, elogios, coerência e relevância interacionais² ... Estas estratégias de cortesia permitem preservar as imagens públicas³ dos intervenientes numa conversa.

3 - *Formas de tratamento*

Formas de Tratamento: “formas que [...] um interlocutor usa para se dirigir a outro interlocutor, a primeira pessoa do discurso (para empregar termos gramaticais), à segunda pessoa do mesmo discurso” (Cintra 1972: 7).

A norma-padrão não deve ser, do ponto de vista linguístico, sobrevalorizada em relação às restantes variedades. Quer isto dizer que, linguisticamente, todas as variedades se equivalem. No entanto, não devemos esquecer a importância que a norma tem socialmente. No que diz respeito às formas de tratamento em português, a atenção para com a norma deve ser redobrada. Tal como diz Duarte (2010: 133), esta é uma das particularidades do português mais difíceis de lecionar, tanto a alunos estrangeiros como a falantes nativos.

Carreira (2001: 55) e Duarte (2010: 134-135) sugerem que as formas de tratamento sejam estudadas pela Pragmática Linguística. A primeira autora acredita que este tema tem tudo que ver com o Princípio da Cortesia⁴: numa situação de comunicação típica, os seus intervenientes devem prestar atenção às idades, à hierarquia social, à relação de proximidade entre eles e à formalidade da situação. É neste sentido que Maria Helena Araújo Carreira introduz dois novos

¹ Naturalmente, para o presente estudo, apenas será feita uma reflexão acerca da cortesia linguística.

² Ver Haverkate (1994: 68), Carreira (2001: 57) e Marques (2008: 288).

³ Para um melhor entendimento acerca das imagens públicas, ver Brown & Levinson (1987; referidos por Navarro 2006: 958-959).

4

termos: “eixo vertical” (hierarquização dos lugares – relações sociais/profissionais, familiares e etárias) e “eixo horizontal” (regulação da distância social – relações de proximidade ou distância social).

No entanto, Lindley Cintra (1972: 11-12) tinha já considerado necessária também uma classificação morfológica das nossas formas de tratamento, organizando-as segundo um sistema tripartido: formas nominais, formas pronominais e formas verbais.

Carreira (2001: 54) distingue as formas de tratamento ainda entre: elocução (EU designo EU), alocação (EU designo TU) e delocução (EU designo ELE). Para o presente estudo, ser-nos-á útil apenas o segundo tipo de formas de tratamento (a alocação), uma vez que há interação direta entre o “designador” e o(s) “designado(s)”.

Para fornecer, neste trabalho, uma ‘etiqueta’ relativamente às formas de tratamento do português europeu, estudei aquilo que sobre elas dizem vários autores. Tendo em conta, porém, a minha intuição enquanto falante de Português Europeu, considereei necessário esmiuçar um pouco mais esta questão e acrescentar alguns pormenores:

a) Formas pronominais:

- Tu – o locutor e o alocutário mantêm uma relação de grande proximidade, ou, em alternativa, o alocutário é criança/adolescente ou mais novo do que o locutor;

- Vocês – é utilizado mais frequentemente em situações pouco formais e é dirigido, naturalmente, a um alocutário plural.

b) Formas nominais:

- Nome Próprio/Apelido do alocutário – é utilizado em situações de algum distanciamento social, quando o alocutário não possui um título honorífico pelo qual possa ser chamado, ou então quando este não é do conhecimento do locutor; pode combinar-se com:

- artigo definido;
- senhor/dona;
- senhora + dona;
- artigo definido + senhor/dona;
- artigo + senhora + dona.

- Forma de Parentesco – é utilizado tanto em situações de proximidade social como em situações de distanciamento e pode combinar-se com:

- artigo definido;
- nome próprio, em alguns casos (como tio(a), por exemplo).

- Senhor (podendo seguir-se ou não o nome próprio do alocutário, o apelido ou o nome próprio e o apelido) – é utilizado em situações de distanciamento social, quando o alocutário não

possui um título honorífico pelo qual possa ser chamado (ou então o título não é do conhecimento do locutor) ou quando o locutor não conhece o alocutário; pode combinar-se com:

- artigo definido.

- Dona + nome do alocutário – são utilizados em situações de distanciamento social, quando o alocutário não possui um título honorífico pelo qual possa ser chamado ou quando esse título não é do conhecimento do locutor; pode combinar-se com:

- artigo definido;

- senhora;

- artigo definido + senhora.

- Senhora⁵ – é utilizado em situações de distanciamento social, quando o locutor não conhece o alocutário; pode combinar-se com:

- artigo definido.

- Senhores/Senhoras – são utilizados em situações de distanciamento social, dirigidos a um alocutário plural; podem combinar-se com:

- artigo definido.

- Menino (pode seguir-se ou não o nome próprio do alocutário) – é utilizado em situações de distanciamento social, quando o alocutário é jovem; pode combinar-se com:

- artigo definido.

- Menina (podendo seguir-se ou não o nome próprio do alocutário) – é utilizado em situações de distanciamento social, mais frequentemente quando o alocutário é jovem, mas também pode ser utilizado quando o alocutário não é jovem; pode combinar-se com:

- artigo definido.

- Doutor (podendo seguir-se ou não o nome próprio do alocutário, o apelido ou o nome próprio e o apelido) – é utilizado em situações de distanciamento social e pode combinar-se com:

- artigo definido;

- senhor/senhora;

- artigo definido + senhor/senhora

- Título Profissional (podendo seguir-se ou não o nome próprio do alocutário, o apelido ou o nome próprio e o apelido⁶) – é utilizado em situações de distanciamento social; pode combinar-se com:

⁵ Note-se que senhor e senhora não são equivalentes socialmente (ver Carreira 2001: 74 e Carreira 2003-2004: 41).

⁶ *Título Profissional + Apelido* e *Título Profissional + Nome + Apelido* apenas são possíveis para alocutários do sexo masculino. Carreira (2001: 74; 2003-2004: 41) comenta esta assimetria no uso de determinadas formas de tratamento no que diz respeito ao sexo do alocutário.

- artigo definido;
- senhor/senhora;
- artigo definido + senhor/senhora.

- Título Honorífico – é utilizado em situações de distanciamento social, para expressar cortesia cerimoniosa ou institucional⁷.

c) Formas verbais:

- Sujeito nulo (sendo a forma de tratamento detetada simplesmente a partir da conjugação verbal)⁸ – é adequado tanto em situações de proximidade social como em situações de distanciamento.

3.1 - *A complexidade do uso de você*

Considerando a exposição de Duarte (2010: 135-136) acerca das formas de tratamento, podemos perceber que a autora exclui esta forma das regras de educação linguística previstas na norma padrão. Todavia, você ouve-se em Portugal, o que indica um caso de variação na nossa língua, um afastamento da norma.

De facto, *você* é, no Português Europeu padrão mais típico, uma forma de tratamento desprestigiada e denunciadora de falantes pouco cultos. Embora, linguisticamente falando, não se deva fazer juízos de valor acerca das variedades e variações de uma língua, socialmente elas não são equivalentes (variação diastrática).

Por outro lado, a variação diatópica (variação regional) também está relacionada com o uso de você em Portugal. Duarte (2010: 140) atribui um caso de uso deste pronome de tratamento por um aluno do 9.º Ano à sua variedade diatópica, sendo o você um tratamento de respeito na zona onde mora o menino.

Lindley Cintra (1972: 14-15), por sua vez, considera-o uma forma de tratamento que não implica proximidade social e usada “de igual para igual (ou de superior para inferior)”.

4 - *Tendências comuns nos filmes atuais analisados*

Depois de analisar todos os filmes que pretendem narrar histórias que decorrem na época atual⁹ no que toca às formas de tratamento neles utilizadas, achei importante anotar todas as

⁷ *Meu sargento, meu capitão, meu coronel, Sua Majestade, Sua Santidade, Excelentíssimo Senhor*, etc. Algumas destas formas são, em Lindley Cintra (1972: 11), consideradas formas pronominais. Contudo, neste trabalho, não é seguida essa nomenclatura.

⁸ Evitação/Evitamento: “tratar uma ou mais pessoas sem especificar o nome ou o género através de um sinal gramatical” (Hammermueller 2004: 1).

⁹ Contrato, A Bela e o Paparazzo, Aquele Querido Mês de Agosto, Um Amor de Perdição, Corrupção, O Crime do Padre Amaro, Zona J e A Crónica dos Bons Malandros. Ver sinopses e fichas técnicas em:

<http://filmesportugueses.com/contrato/>

tendências comuns. Assim, podemos tirar uma conclusão que diz respeito a todos eles: as formas verbais são o modo mais utilizado para o locutor se dirigir ao alocutário. Isto permite-nos concluir quase com certezas que os falantes portugueses preferem evitar o uso de uma forma de tratamento direta, optando apenas pela forma verbal (que se verifica adequada a qualquer situação de interlocução). Parte destes números deve-se, porém, ao facto de o português ser uma língua de sujeito nulo e não necessitar que o sujeito seja exposto, havendo mesmo uma preferência pelo seu evitamento (caso contrário, o discurso parecer-nos-ia exageradamente repetitivo).

Na grande maioria dos casos, a forma pronominal tu e as suas correspondentes (formas de objeto direto, objeto indireto, pronomes possessivos, formas verbais na 2ª pessoa do singular, etc.) são as mais utilizadas. Estes resultados devem-se ao facto de, normalmente, os filmes intencionarem contar a vida ou aspetos da vida comum, quotidiana, familiar, de uma ou mais personagens e nestas histórias de vida estão incluídas as relações que esta(s) personagem(s) mantém(êm) (geralmente, as relações mais próximas).

Numa espécie de correlação com o pronome tu e as formas que a ele correspondem, o pronome *você* e as suas formas correspondentes (formas de objeto direto, objeto indireto, pronomes possessivos, formas verbais na 2ª pessoa do singular, etc.) surgem poucas vezes na maioria dos filmes. É natural que ao utilizar-se maioritariamente o pronome *tu*, o pronome *você* não seja tão frequente assim. Não esquecer, no entanto, que o facto de esta forma de tratamento ser tão pouco frequente (e até mesmo inexistente em alguns filmes) poderá ter que ver com um conhecimento da cortesia linguística (uma vez que esta forma é, muitas vezes, considerada menos respeitosa) por parte dos realizadores e dos guionistas ou dos atores dos filmes.

Os filmes *Contrato* e *Corrupção* são os únicos onde o pronome *você* e os seus correspondentes são quase tão utilizados como o pronome *tu* e afins. A explicação para estes resultados poderá estar nas histórias que os filmes contam: o primeiro descreve os contratos que a personagem principal tinha, que consistiam em assassinar pessoas (mantinha, portanto, relações de distanciamento social com os seus “clientes”); o segundo, tal como o nome indica, descreve uma ambiente de corrupção, o que faz com que uma das personagens principais mantenha relações de deferência com outras personagens (aquelas que também estão envolvidas na

http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bela_e_o_Paparazzo
<http://filmesportugueses.com/aquele-querido-mes-de-agosto/>
<http://filmesportugueses.com/um-amor-de-perdicao/>
http://pt.wikipedia.org/wiki/Amor_de_Perdi%C3%A7%C3%A3o
<http://filmesportugueses.com/corruptao/>
<http://filmesportugueses.com/o-crime-do-padre-amaro/>
http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Crime_do_Padre_Amaro
<http://filmesportugueses.com/zona-j/>
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%B3nica_dos_Bons_Malandros

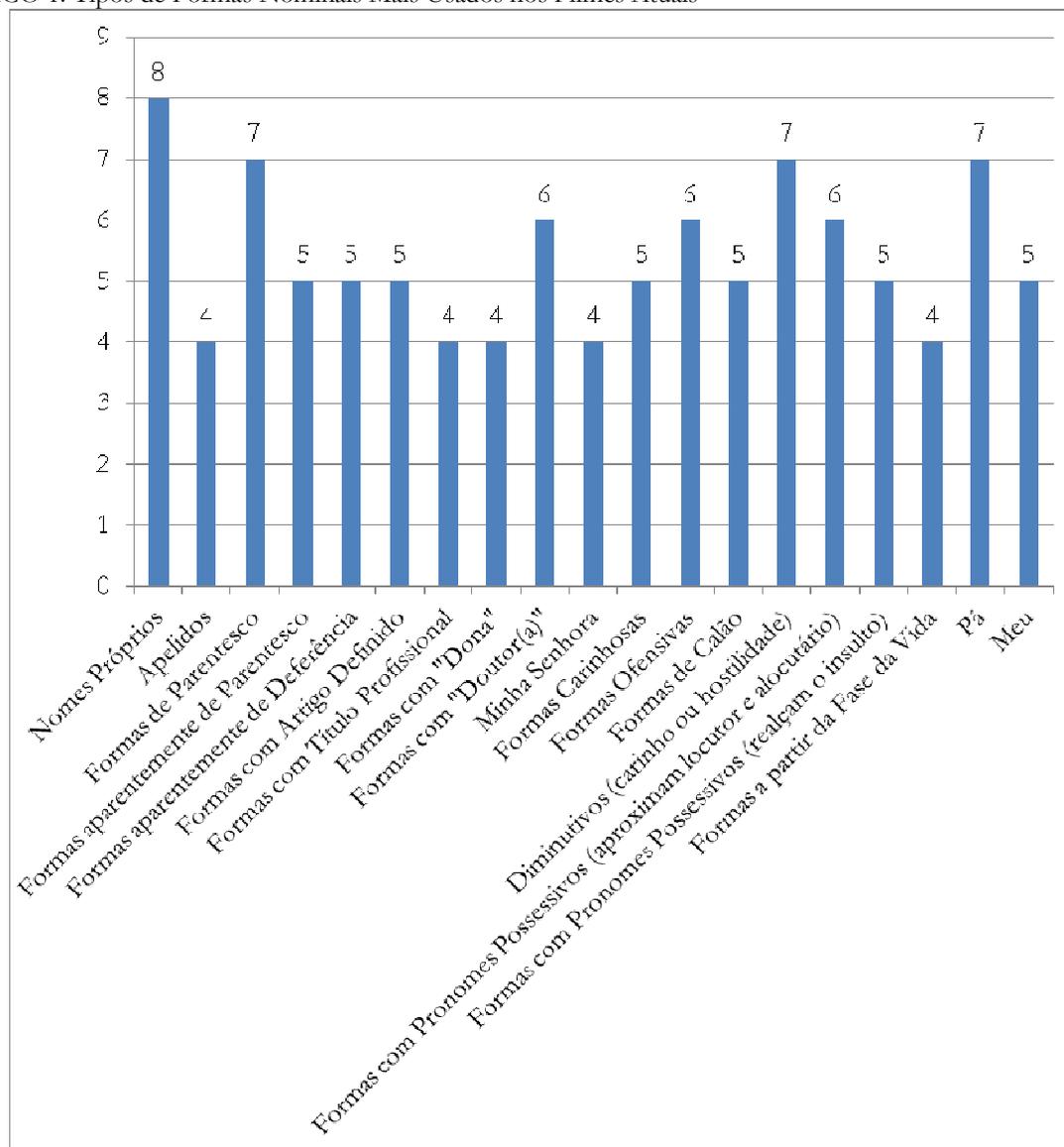
corrupção e que são, por conseguinte, pessoas importantes e influentes). O *você*, aqui, não é indicador de falta de respeito, de ignorância das regras de cortesia, como referido acima, mas, pelo contrário, sinónimo de distância social, de deferência.

Em todos os filmes, o pronome *vocês* ocorre muito poucas vezes comparativamente com o pronome tu principalmente. Isto explica-se facilmente: é muito mais frequente, num filme (tal como na maior parte das situações interlocutivas da vida real), as personagens dirigirem-se a alocutários singulares.

Quanto ao pronome *vós* e suas formas correspondentes (formas de objeto direto, objeto indireto, pronomes possessivos, formas verbais na 2ª pessoa do singular, etc.), só podemos ter a certeza da sua ocorrência num filme: *Aquele Querido Mês de Agosto*. No entanto, até neste filme a forma direta *vós* é evitada, verificando-se apenas uma ocorrência da forma verbal na 2ª pessoa do plural. Devido a esta escassez de formas referentes ao pronome *vós* na grande maioria dos filmes, podemos confirmar que este pronome está a cair em desuso (em prol de *vocês*). A localidade onde este filme é realizado (aldeia de Benfeita, Arganil) poderá explicar esta hipótese, uma vez que hoje em dia se admite que esta forma seja usada apenas em locais mais rurais de certas zonas mais interiores (Beiras, nomeadamente).

Num total de 8 filmes atuais, há uma série de formas nominais que são comuns a pelo menos metade deles. Como estas coincidências não são, na verdade, ocasionais, não podemos deixar de as analisar brevemente. Para isso, foi construído um gráfico (gráfico 1) com estas formas nominais e as contagens relativamente ao número de filmes em que ocorrem:

GRÁFICO 1. Tipos de Formas Nominais Mais Usados nos Filmes Atuais



Como podemos perceber, há um tipo de formas de tratamento que ocorre em todos os filmes analisados: os nomes próprios. Isto deve-se a um facto já referido anteriormente: o de a maioria dos filmes compreender as relações mais próximas que as várias personagens mantêm. Como na sua vida real os falantes se relacionam muito mais frequentemente com as pessoas que lhes são próximas do que com as pessoas que lhes são distantes, podemos crer que este número é representativo da realidade no que toca à utilização dos nomes próprios em Portugal. Este tipo de formas de tratamento é utilizado, normalmente, em contexto de familiaridade, embora também

possa ocorrer em situações de distanciamento social (contudo, geralmente, os falantes optam por usar outras formas aquando de situações deferentes).

Os apelidos, por sua vez, surgem em apenas metade dos filmes. O motivo não difere do que se disse no parágrafo anterior, uma vez que os apelidos são, em condições normais, formas deferentes (embora sejam das formas deferentes as menos formais).

As formas de parentesco não são utilizadas em apenas um dos filmes (*A Bela e o Paparazzo*). Este número elevado era expectável, porque os indivíduos que possuem os graus “mais baixos” das relações familiares não têm outra opção senão utilizarem uma forma de parentesco para designar os seus familiares cujos graus de parentesco são “superiores”. Deste modo, acredita-se que este número seja também representativo da realidade. Este tipo de formas de tratamento não é utilizado no filme *A Bela e o Paparazzo* porque de facto não há uma única relação de parentesco entre as personagens neste filme.

Em menos filmes mas, mesmo assim, em mais de metade, são utilizadas formas que parecem de parentesco mas que na verdade não são dirigidas a familiares. Estas formas são muitas vezes utilizadas carinhosamente (embora também possam ser utilizadas com intenção hostil¹⁰), pelo que podemos comparar este número com o número de filmes em que as formas carinhosas são usadas (ambas as formas de tratamento são utilizadas em 5 dos 8 filmes). Provavelmente, estes dados são também representativos da realidade: tendo em conta que os falantes mantêm contacto muito mais frequentemente com pessoas próximas socialmente, é natural que utilizem muitas vezes formas carinhosas para as designarem.

As formas que aparentam ser deferentes mas que na verdade não o são (“Vamos conversar, *menino*.”) ocorrem, também, em 5 filmes. Estas formas são utilizadas, por conseguinte, em contexto de familiaridade porque ou são usadas em contexto de brincadeira ou são usadas em contexto hostil (ironicamente, portanto). Deste modo, e para testarmos a representatividade destes dados, devemos comparar também este resultado com as formas carinhosas. As formas hostis, por outro lado, não apresentaram ocorrências suficientes para constarem no gráfico 1.

As formas de tratamento que são combinadas com artigo definido ocorrem em 5 filmes dos 8 analisados. Este resultado é compreensível uma vez que estas formas de tratamento são as mais indiretas e, por conseguinte, em situações de distanciamento social é esta a forma mais cortês de nos dirigirmos ao outro. Neste contexto, possivelmente esta conclusão é também representativa da realidade do tratamento em língua portuguesa.

¹⁰ “–Mariana, nós aqui somos uma família. E há sempre um filho que quer fugir de casa. Por isso, vai. Vai que te vai fazer bem.
–Adeus, papá!”

As formas que contêm um título profissional são utilizadas em metade destes filmes. Isto acontece porque esta é uma forma de tratamento relativamente usada no português europeu, pois é uma forma de utilização simples (basta ao locutor ter conhecimento da profissão do alocutário) e que se manifesta sempre adequada em contexto de deferência. Podemos acreditar que estas formas não ocorrem em mais filmes porque a maioria das suas situações são de proximidade social, o que não permite o emprego desta forma deferente.

As formas de tratamento que contêm o nome *dona* também ocorrem em metade dos filmes. Considerei importante incluir este tipo de tratamento nestas conclusões de modo a comparar com o nome *senhora*. Uma vez que esta última forma de tratamento levanta vários problemas quanto à sua utilização, pareceu-me necessário perceber se nos filmes portugueses em análise há uma consciência da necessidade de substituí-la por *dona*. Tendo em conta que a utilização de *senhora* nos 8 filmes não foi suficientemente significativa para incluir a forma no gráfico 1, podemos concluir que os falantes têm pelo menos uma boa noção da forma de tratamento mais deferente que devem empregar em vez dela.

As formas que incluem o nome *doutor* só não são usadas em dois dos 8 filmes. Estes dados poderão comprovar-nos que esta é uma das formas deferentes mais utilizadas no português europeu, embora se deva ter cuidado ao empregá-la: para não ser desadequado, o locutor deve ter conhecimento do nível académico do alocutário e deve reconhecê-lo como suficiente para lhe dirigir este tratamento.

Minha senhora é uma forma de tratamento utilizada em metade dos filmes em estudo. O pronome possessivo *minha* combinado com o nome *senhora* elimina todas as restrições previstas para esta forma nominal, revelando-se este tratamento ajustado a qualquer tipo de situação deferente. Deste modo, este resultado parece-me representativo da realidade, visto que é uma forma de os falantes contornarem os possíveis constrangimentos e inadequações que *senhora* causaria.

As formas carinhosas (“meus amigos”, “querida”, “meu amor”...) e as formas ofensivas (“cabrão”, “meu cabrãozinho”, “porco”, “otário”...) são utilizadas em mais de metade dos filmes (em 5 e 6, respetivamente). Podemos compreender estes dados se tivermos em conta que na maioria dos filmes são descritas não só as relações que as personagens mantêm com aqueles que lhes são mais próximos, mas também as relações que estas personagens mantêm com os seus “inimigos”. Isto acontece também na vida real, pelo que se pressupõe que estes resultados “imitam” devidamente a realidade que pretendem retratar.

As ocorrências das formas de calão (“cabrão”, “minha putazinha”, “cobarde de merda”) devem ter em conta também os resultados relativos às formas ofensivas, uma vez que,

normalmente, as formas a que chamamos calão são utilizadas com a intenção de insultar o alocutário. Assim sendo, podemos perceber que os números são aproximados, o que nos leva a crer que as formas de calão são utilizadas com frequência em Portugal, pelo menos em contextos informais e em certos ambientes sociais.

Os diminutivos ocorrem em 7 dos 8 filmes. Este número explica-se tendo em conta os resultados obtidos para as formas carinhosas e para as formas ofensivas, pois estes diminutivos podem ter intuitos afetuosos ou insultuosos (por exemplo, “meu amorzinho” e “meu cabrãozinho”, respetivamente). Os diminutivos como forma de tratamento são muito utilizados em Portugal.

As formas de tratamento combinadas com um pronome possessivo tanto como estratégia de aproximação dos falantes (“meu amorzinho”) como de realce do insulto (“meu cabrãozinho”) são utilizadas em mais de metade dos filmes. Este é, também, um tipo de formas de tratamento muito utilizado no português europeu, o que explica os resultados obtidos.

Em metade dos filmes analisados, são utilizadas formas de tratamento que são construídas a partir das fases das vidas das pessoas. Esta é uma forma de tratamento utilizada frequentemente pelos portugueses quando pretendem realçar aquilo que dizem ao alocutário e fazê-lo acreditar nisso, funcionando como uma espécie de forma de tratamento argumentativa (“Ó senhor doutor, nós temos que os meter na ordem, *bomem*.”).

Pá e *meu* são duas formas de tratamento muito peculiares. Sendo ambas formas truncadas de outras formas de tratamento (*rapaz* e *meu*+nome, respetivamente), elas já estão tão integradas na língua portuguesa que se tornaram formas de tratamento independentes das suas formas originais. *Pá* e *meu* têm em comum, ainda, o facto de serem utilizados apenas em situações informais e de familiaridade.

Distinguindo-se de *meu*, *pá* parece já estar de facto tão integrado na língua que, muitas vezes, não aparenta ser uma forma de tratamento, mas sim uma forma interjetiva de captar a atenção do alocutário ou de introduzir o discurso (“Eh *pá*, deixa lá o rapazinho em paz, coitadinho!”).

Por sua vez, *meu* talvez não esteja ainda tão integrado na língua falada, pois muito provavelmente será bem mais complicado utilizar um nome que no fundo é um pronome possessivo (que até está no género masculino) para designar alocutários femininos, tal como faz o nome *pá*.

5 - *Comparação diacrónica das formas de tratamento utilizadas em filmes portugueses*¹¹

5.1 - *Vale Abraão*¹²: *Comparação com os filmes atuais*

Neste capítulo, pretende-se fazer uma comparação das conclusões sincrónicas retiradas no capítulo anterior com o filme *Vale Abraão*. O objetivo é conseguir anotar as diferenças e as semelhanças entre as duas épocas em questão no que toca às formas de tratamento.

O filme *Vale Abraão* apresenta, tal como os filmes mais atuais, uma grande ocorrência da forma pronominal *tu* e suas correspondentes (formas de objeto direto, objeto indireto, pronomes possessivos, formas verbais na 2ª pessoa do singular, etc.). Neste filme, estas formas são usadas também em situações de familiaridade, o que nos permite perceber que, neste parâmetro, as formas de tratamento desta altura não apresentam diferenças relativamente às que são utilizadas nos dias de hoje.

O pronome *você*, coincidindo com as conclusões sincrónicas, não é utilizado muitas vezes neste filme. Por sua vez, as formas pronominais e verbais na 3ª pessoa do singular ocorrem quase tantas vezes como o pronome *tu*. Isto poderá comprovar que, no século XIX, *você* também não era uma forma de tratamento muito prestigiada, sendo, portanto, evitada.

Ainda em sintonia com os filmes mais atuais, *Vale Abraão* apresenta poucas ocorrências do pronome *vocês* e de formas verbais na 3ª pessoa do plural e nenhuma do pronome *vós* ou de formas verbais na 2ª pessoa do plural. Com estes dados, podemos pressupor que, na época em que decorre a ação do filme, *vós* estaria a cair em desuso, caso contrário o realizador do filme terá falhado aquando da escolha das formas de tratamento.

Encontramos neste filme, porém, duas ocorrências da 2ª pessoa do plural, mas dirigidas a alocutários singulares (o que acontece também em *Aquele Querido Mês de Agosto*). Estes dados podem demonstrar-nos que já nesta altura existia esta tendência, ou então estas ocorrências poderão ser falta de conhecimento do realizador do filme ou da atriz que as utiliza (é mais provável que seja a segunda opção, visto que estas duas formas são usadas pela mesma personagem). Contudo, isto também pode ser uma questão geográfica ou dizer mesmo respeito à época em que se passa a história do filme.

No tocante às formas nominais, apenas 7 das formas que fazem parte da cortesia codificada¹³ utilizadas no filme *Vale Abraão* não se verificam em nenhum dos filmes mais atuais: *artigo definido + forma de parentesco + nome próprio, doutor + nome próprio, doutor + nome próprio + apelido,*

¹¹ Para termos uma noção da evolução das formas de tratamento portuguesas desde o século XIII até aos dias de hoje, ver Cintra (1972: 16-34).

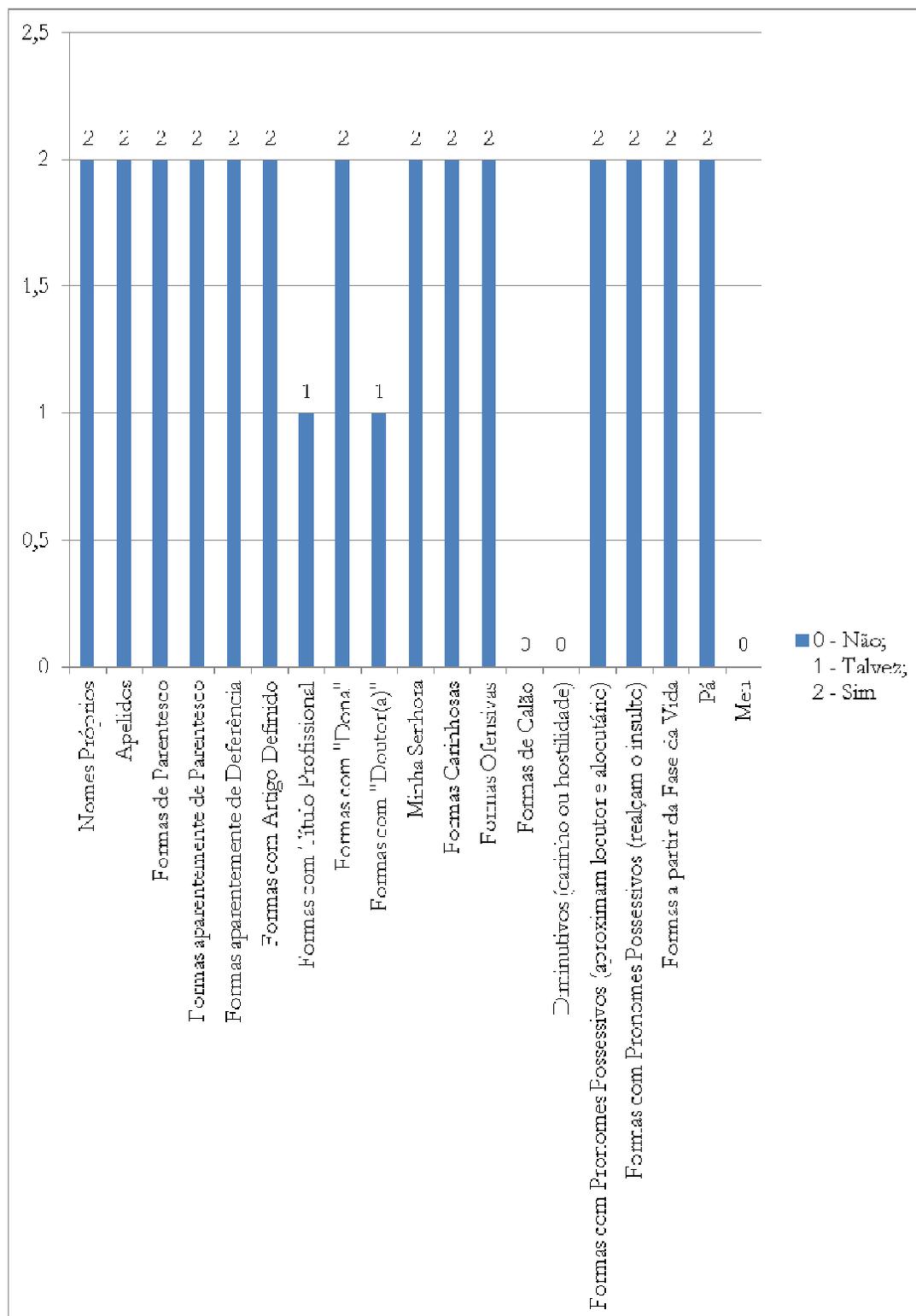
¹² Ver sinopse e ficha técnica em: <http://filmesportugueses.com/vale-abraao/>.

¹³ Ou seja, aquelas que estão determinadas pela sociedade, que fazem parte de uma “etiqueta linguística” ou de regras estabelecidas para cada profissão. Briz (2004: 72; referido por Navarro 2006: 961) distingue entre “cortesia codificada” (cortesia imposta por uma série de convenções sociais fixas em cada língua) e “cortesia interpretada” (diz respeito à cortesia que é selecionada pelo locutor).

artigo definido + doutor + apelido, artigo definido + senhor + doutor + nome próprio + apelido, senhora + dona + nome próprio + apelido, artigo definido + senhora + dona + nome próprio. Como podemos perceber, todas elas são formas deferentes e muitas delas pertencem a um nível muito alto de cortesia. Isto explica o porquê da ocorrência de tantas formas de tratamento na 3ª pessoa do singular, pois assim podemos compreender que de facto existem muitas situações de distanciamento social neste filme. Por outro lado, 17 das formas nominais usadas em *Vale Abraão* e que fazem parte da cortesia codificada ocorrem nos filmes mais atuais, o que nos leva a crer que as formas de tratamento nominais não sofreram muitas modificações desde aí.

Vejamos, agora, se as formas nominais (as que estão e as que não estão previstas pela cortesia linguística) usadas em pelo menos metade dos filmes atuais ocorrem também em *Vale Abraão*:

GRÁFICO 2 – Comparação com os Tipos de Formas Nominais mais usados nos Filmes Atuais



Como podemos ver, em 19 formas de tratamento que são muito utilizadas atualmente em Portugal (tal como comprovou uma análise pormenorizada dos 8 filmes mais atuais feita previamente), 14 ocorrem em *Vale Abraão*. Após esta comparação, podemos concluir com mais firmeza o que foi dito no parágrafo anterior: no que toca às formas de tratamento, a atualidade em nada ou pouco difere da época que o filme *Vale Abraão* retrata.

Há, contudo, dois tipos de formas nominais que não podemos ter a certeza se correspondem às formas verificadas nos filmes mais atuais: as formas que incluem um título profissional e as formas que incluem o nome doutor(a). Tal como evidencia o gráfico 2, estas formas talvez ocorram no filme *Vale Abraão*, porque todas as formas combinadas com o nome *doutor* usadas neste filme são direcionadas a um médico. Logo, não podemos afirmar com toda a convicção que estas formas são relativas a um título profissional nem que são relativas a um título académico.

A explicação para não ser utilizada nenhuma forma de calão neste filme talvez se prenda com o ambiente em que se passa toda a história: um ambiente calmo, socialmente elevado e com raríssimas situações exageradamente informais.

Apesar de o gráfico declarar que não existe nenhum diminutivo de tratamento neste filme, a verdade é que ocorre um: *patrãozinho*. No entanto, este diminutivo não é usado com finalidade carinhosa ou hostil, como acontece na maior parte dos filmes atuais analisados.

O nome *meu* não ocorre nenhuma vez em *Vale Abraão*. Isto poderá dever-se, por um lado, ao facto de quase não existirem no filme situações demasiadamente informais e de as personagens do filme pertencerem a grupos sociais e a origens geográficas onde essa forma não é presumivelmente utilizada. Por outro lado, este resultado poderá ter que ver com a época que o filme pretende retratar, pelo que podemos pressupor que por esta altura esta forma ainda não se usava.

Não podemos, porém, tirar demasiadas ilações acerca da existência desta forma de tratamento e de *pá* na época que o filme retrata, pois *pá* ocorre apenas uma vez, devido à escassez de informalidade no filme. A verdade é que *meu* podia ainda não ser uma forma de tratamento e *pá* possivelmente não estaria ainda tão integrado na nossa língua falada como hoje está (sendo utilizado única e exclusivamente como forma de tratamento e não como chamada de atenção ou introdução do discurso, como acontece hoje em dia).

5.2 - *O Quinto Império*¹⁴: comparação com os filmes atuais

Tal como no ponto 5.1, neste capítulo pretende-se fazer uma comparação entre as conclusões sincrónicas retiradas anteriormente agora com o filme *O Quinto Império*. O objetivo é,

¹⁴ Ver sinopse e ficha técnica em: <http://filmesportugueses.com/o-quinto-imperio-ontem-como-hoje/>.

novamente, perceber quais as diferenças e quais as semelhanças entre as duas épocas relativamente às formas de tratamento.

No filme *O Quinto Império*, tal como nos filmes mais atuais e no filme *Vale Abraão*, o pronome tu e seus correspondentes (formas de objeto direto, objeto indireto, pronomes possessivos, formas verbais na 2ª pessoa do singular, etc.) são os mais utilizados. Esta é uma forma empregue em contexto de familiaridade, tal como acontece atualmente.

O pronome *vós* é muito usado n' *O Quinto Império*, o que não se verifica em nenhum dos filmes anteriormente analisados. Esta frequência era esperada, uma vez que, na época em que decorre a ação (século XVI), *vós* era o único pronome disponível para tratar alocutários plurais. Por outro lado, era também a única forma pronominal prevista para situações de deferência (mesmo aquando de um alocutário singular). Encontramos, aqui, uma grande diferença com a atualidade, pois no tempo de D. Sebastião o pronome *vós* estaria ainda muito longe de cair em desuso.

Tal como poderíamos antever, o pronome *ocê*, contrariamente ao que se verifica nos filmes atuais e no *Vale Abraão*, não é utilizado uma única vez neste filme. Considerando que são usados neste filme pronomes de complemento indireto na 3ª pessoa do singular, pronomes possessivos na 3ª pessoa do singular e verbos na 3ª pessoa do singular, podemos pressupor que o pronome *ocê* não existia na época que o filme descreve.

O pronome *ocês*, como era esperado, não apresenta nenhuma ocorrência no filme *O Quinto Império*. Podemos concluir que este pronome, contrariando o que se verifica atualmente, também não existia na época retratada pelo filme. No entanto, embora poucas, podemos encontrar formas verbais na 3ª pessoa do plural, o que não seria expectável. Este facto poderá ser, contudo, distração do realizador do filme ou dos atores que utilizam estas formas.

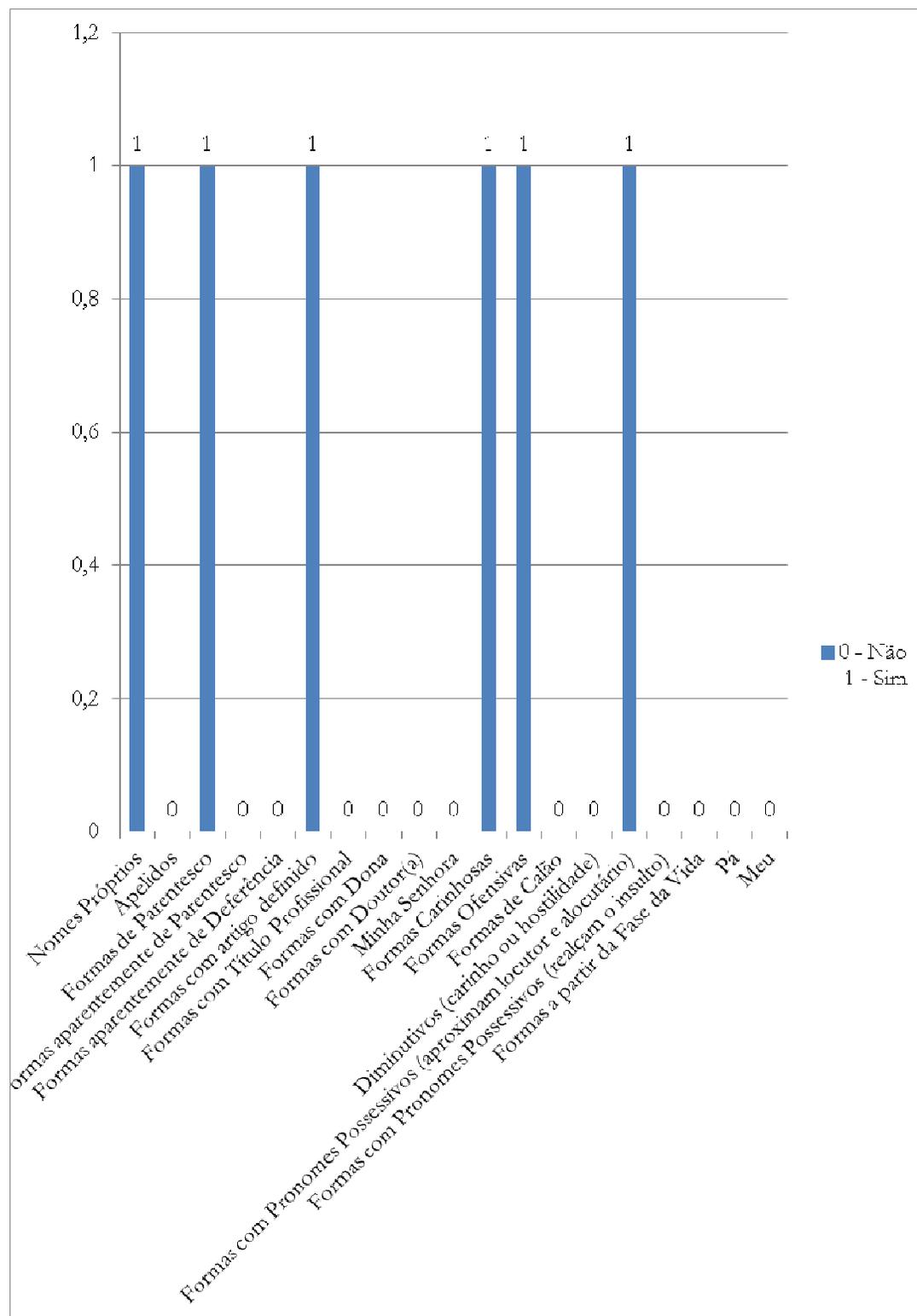
No que diz respeito às formas nominais usadas no filme *O Quinto Império*, em 16 daquelas que são impostas socialmente, apenas 10 não se verificam em nenhum dos filmes atuais analisados e no *Vale Abraão*: *título honorífico*, *título honorífico + nome próprio*, *senhor + título honorífico*, *artigo definido + senhor + título honorífico*, *salvé rei*, *Alteza*, *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *meu Deus* e *meu Pai*. Como podemos perceber, as 5 primeiras são relativas a títulos honoríficos, o que explica a sua inexistência nos filmes atuais em causa (pois hoje não existe família real em Portugal). *Alteza*, *Vossa Alteza* e *Vossa Majestade* não incluem títulos honoríficos, mas são dirigidas ao rei, o que faz com que estas formas não ocorram em nenhum dos filmes mais atuais. *Meu Deus* e *meu Pai* são formas de tratamento religioso (dirigidas a Deus) que são utilizadas também nos dias de hoje, no entanto, a sua inexistência nos filmes analisados anteriormente deve-se ao facto de não conterem

situações deste cariz (apenas o *filme O Crime do Padre Amaro* apresenta uma forma similar: *Senhor meu Deus*).

Por outro lado, 6 formas nominais pertencentes à cortesia codificada ocorrem nos filmes mais atuais: *nomes próprios*, *nomes próprios+apelidos*, *senhor*, *senhora*, *senhores* e *meu senhor*. Os *nomes próprios*, *nomes próprios+apelidos* e *senhores* não apresentam grandes diferenças em relação às respetivas formas contemporâneas, o que não se verifica com *senhor*, *senhora* e *meu senhor* que se revelam bem mais respeitosas do que atualmente.

Vejamos, agora, se as formas nominais (as que estão e as que não estão previstas pela cortesia linguística) utilizadas em pelo menos metade dos filmes atuais ocorrem também no filme *O Quinto Império*:

GRÁFICO 3 – Comparação com os Tipos de Formas Nominais mais usados nos Filmes Atuais



Como podemos ver, em 19 formas de tratamento que são muito utilizadas atualmente em Portugal, apenas 6 surgem no filme *O Quinto Império*. Após esta comparação, podemos concluir que, desde a época descrita pelo filme até aos nossos dias, as formas de tratamento sofreram uma grande alteração.

Os apelidos isolados não ocorrem nenhuma vez em *O Quinto Império*, sendo preferidos os nomes próprios ou os nomes próprios combinados com os apelidos.

As formas que aparentam ser de parentesco e as que aparentam ser deferentes (muito utilizadas atualmente) não são empregues uma única vez no filme *O Quinto Império*. Este tipo de formas é usado afetuosamente e como há, neste filme, formas de tratamento carinhosas, podemos calcular que as formas aparentemente de parentesco e as aparentemente deferentes são formas de tratamento recentes.

As formas que incluem um título profissional não são usadas neste filme, sendo preferidas as formas que se combinam com um título honorífico. As formas *minha senhora* e as que incluem os nomes *dona* ou *doutor(a)* não surgem no filme. Tendo em conta que nele existem muitas situações formais e de distanciamento social, podemos prever que estas formas de tratamento são recentes.

Os diminutivos com finalidade carinhosa ou ofensiva e as formas construídas a partir das fases da vida das pessoas não são utilizados nenhuma vez neste filme. Isto poderá, por um lado, comprovar que estas formas são recentes na língua portuguesa ou, por outro lado, poderá ter que ver com o facto de o ambiente do filme ser predominantemente formal.

Como há, neste filme, algumas situações informais e outras um pouco hostis, o facto de não existir nenhuma forma de calão que hoje é frequente poderá significar que elas não existiam na época do filme.

Os nomes *pá* e *meu* não são utilizados nenhuma vez em *O Quinto Império*, pelo que podemos concluir que estas formas ainda não existiam.

5.3 - *Comparações gerais*

De modo a comparar os vários tipos e frequências das formas de tratamento utilizadas em cada um dos filmes analisados até aqui, pareceu-me útil a elaboração de um gráfico que os incluísse. Desta forma, tendo em conta as totalidades das formas de tratamento utilizadas em cada filme (ver gráfico 4), este gráfico foi elaborado percentualmente, de modo a podermos comparar de uma forma justa os dados (ver gráfico 5).

GRÁFICO 4 – Totalidade das Formas de Tratamento Utilizadas nos 10 Filmes

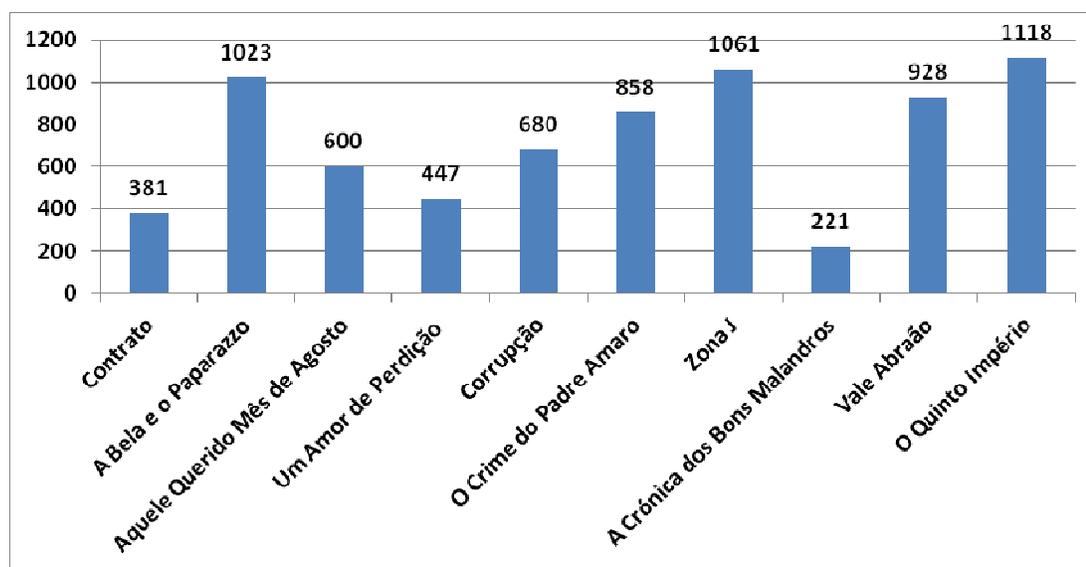
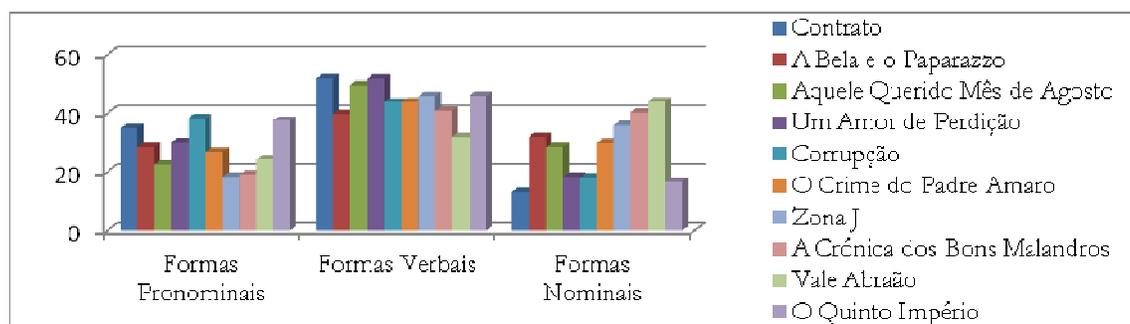


GRÁFICO 5 – Percentagem das Formas Pronominais, Verbais e Nominais Usadas nos 10 Filmes



As barras deste segundo gráfico estão organizadas por ordem decrescente no que diz respeito à época em que se passam as histórias dos filmes. Observando o gráfico, não podemos concluir que os filmes relativos às épocas mais recentes utilizam mais formas de tratamento de determinado tipo ou vice-versa.

Podemos concluir, porém, que as formas verbais são muito utilizadas em qualquer uma das épocas em questão: estas são as únicas formas de tratamento que ultrapassam os 50% de utilizações e não ficam abaixo dos 30%. Por outro lado, apenas num filme (*Vale Abraão*) as

formas verbais não são as mais utilizadas (sendo, neste caso, as formas nominais). Isto poderá comprovar que, de facto, a língua portuguesa há muito se caracteriza por evitar o uso de uma forma pronominal direta de tratamento. Mas não esquecer que estes resultados terão que ver em parte com o facto de o português ser uma língua de sujeito nulo, o que não só permite aos portugueses evitar uma forma de tratamento pronominal em situação de alocação, como também os obriga a tal muitas vezes (de modo a não serem repetitivos ao longo dos seus discursos).

Entre as formas pronominais e as formas nominais utilizadas em todos os filmes não podemos fazer nenhuma distinção sólida, uma vez que em ambos os casos os dados são muito variáveis: as formas nominais conseguem atingir as percentagens mais altas, mas também conseguem atingir as percentagens mais baixas.

6 - *Considerações finais*

Após a elaboração deste projeto, fiquei com a sensação de trabalho inacabado. De facto, este estudo tinha, como popularmente se diz, “pano para mangas”. No entanto, ora por uma questão de tempo, ora por uma questão de adequação ao tema, há uma série de pormenores não pouco importantes que deixei por examinar neste trabalho. Nada mais adequado, então, do que mencionar aqui esses tópicos de estudo e abrir portas para futuras pesquisas que, infelizmente, não pude aqui incluir.

Assim sendo, começo por dizer que, inspirada em Lazard (2008: 288-311), pretendia ter elaborado um novo capítulo onde iria estudar os fatores que favorecem o emprego das formas de tratamento. Por uma questão de escassez de tempo, deixei esta tarefa por cumprir.

Por outro lado, e inspirada agora na minha própria experiência adquirida com este estudo, reparei num conjunto de palavras/expressões que, tendencialmente, acompanham as formas de tratamento (ou até mesmo se confundem com elas): *ouve lá, olha, olha lá...*

Não poderia aqui esquecer o caso tão polémico da forma de tratamento (ou por vezes não) *pá*: com tantas utilizações deste nome me deparei e tanto duvidei do seu carácter de tratamento! Continuo-o a considerar, ainda e em alguns casos, uma forma de tratamento, mas ele parece-me já assumir tantas funcionalidades na frase que não a de designar o outro...

Em nenhum destes assuntos peguei, já não por uma questão de tempo, mas sim porque, com certeza, eles iriam sobrecarregar demasiado este trabalho e iriam acabar por me desviar do objetivo principal. No entanto, há uma tarefa que deixei de lado porque não dispus de tempo suficiente para com ela consolidar este estudo: um confronto entre os filmes *Um Amor de Perdição*, *Corrupção*, *O crime do Padre Amaro*, *A Crónica dos Bons Malandros* e *Vale Abraão* e respetivos livros.

Agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Isabel Margarida Duarte (docente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto), que foi a orientadora da versão original deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- Briz, A. 2004. Cortesía verbal codifica y cortesía verbal interpretada en la conversación. In: Bravo, D.; Briz, A. (eds.). Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español. Barcelona: Ariel Lingüística. pp.103-122. (referido por Navarro, 2006).
- Brown, P.; Levinson, S. 1987. Politeness: Some Universals in Language Usage. Cambridge: Cambridge University Press (referidos por Navarro, 2006).
- Cadiot, A.; Chevalier, J. C.; Delesalle, S.; Garcia, C.; Martinez, C.; Zeldá, P. 1979. “Oui mais, non mais” ou: il y a dialogue et dialogue. In: Langue française. Paris: Université de Paris, pp.94-102.
- Carreira, M. H. 2001. Semântica e discurso, estudos de Linguística Portuguesa e Comparativa (Português/Francês). Porto : Porto Editora.
- Cintra, L. F. L. 1972. Sobre Formas de Tratamento na Língua Portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte.
- Costa, J. A.; Melo, A. S. 1999. Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora.
- Duarte, I. M. 2010. Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. In: A. M. Brito (Org.). Gramática: História, Teorias, Aplicações. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 133-146.
- Filmesportugueses.com. <http://filmesportugueses.com/aquele-querido-mes-de-agosto/>, acedido em 15.07.2011.
- Filmesportugueses.com. <http://filmesportugueses.com/contrato/>, acedido em 15.07.2011.
- Filmesportugueses.com. <http://filmesportugueses.com/corruptao/>, acedido em 15.07.2011.
- Filmesportugueses.com. <http://filmesportugueses.com/o-crime-do-padre-amaro/>, acedido em 15.07.2011.
- Filmesportugueses.com. <http://filmesportugueses.com/o-quinto-imperio-ontem-como-hoje/>, acedido em 15.07.2011.
- Filmesportugueses.com. <http://filmesportugueses.com/um-amor-de-perdicao/>, acedido em 15.07.2011.
- Filmesportugueses.com. <http://filmesportugueses.com/vale-abraao/>, acedido em 15.07.2011.
- Filmesportugueses.com. <http://filmesportugueses.com/zona-j/>, acedido em 15.07.2011.
- Haverkate, H. 1994. La cortesía verbal: estudio pragmalingüístico. Madrid: Editorial Gredos.
- Houaiss, A.; Villar, M. S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Lisboa: Temas e Debates.
- Lazard, S. 2008. Les termes d’adresse dans l’usage italien des années 2000 (étude d’un corpus de six films). In «Mignonne, allons voir si la rose...» Termes d’adresse et modalités énonciatives dans les langues romanes. Paris: Université Paris 8 Vincennes Saint-Denis. pp.285-318.
- Leech, G. N. 1983. Principals of Pragmatics. New York: Longman Inc.
- Navarro, A. H. 2006. La expresión de cortesía en español hablado: marcas y recursos prosódicos para su reconocimiento en la conversación coloquial. In: VILLAYANDRE, M. (ed.). Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística, León, Universidad de León.
- Wikipedia.org. http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bela_e_o_Paparazzo, acedido em 15.07.2011.
- Wikipedia.org. http://pt.wikipedia.org/wiki/Amor_de_Perdi%C3%A7%C3%A3o, acedido em 15.07.2011.
- Wikipedia.org. http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%B3nica_dos_Bons_Malandros, acedido em 15.07.2011.
- Wikipedia.org. http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Crime_do_Padre_Amaro, acedido em 15.07.2011.